

LEITURA E LEITORES. HISTÓRIAS DE LEITURAS E ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

MARIANGELA POLACCHINI ZANELLA (UNESP - RIO CLARO).

Resumo

Este trabalho propõe discutir questões da leitura e formação de leitores, que emergem das histórias relatadas por participantes, em espaços constituídos de leitura compartilhada. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento e aqui apresento elementos de sua etapa exploratória. Temos como aporte os estudos de Vygotsky e Bakhtin no que se refere à multiplicidade de sentidos que a palavra alcança, entre o verbal e o extra verbal, e de Chartier que revela práticas de leitura e práticas culturais que, de certa forma, caracterizam o universo de leitores. Nesta etapa exploratória foram propostos e ocorreram cinco encontros, tendo como cenário o Gabinete de Leitura localizado no município de Rio Claro/SP, envolvendo duas leitoras. Nesses espaços de leitura, caracterizados também pelo convite à leitura compartilhada, pesquisadora e participantes leem textos e, em seguida, passam a discutí-los. Estas conversas, que inicialmente tratam do texto em si, acabam convergendo para histórias de vida... e de leituras, revelando ações e práticas leitoras, múltiplos sentidos conferidos aos textos e atitudes formadoras de leitores. A análise do material obtido pretende contribuir com os estudos sobre práticas de leituras, focando-as em uma visão de práticas disseminadas que, de certa forma, caracterizam a atualidade, revelando a ação formadora de leitores e a apropriação que o leitor faz do texto.

Palavras-chave:

leitura, espaços de formação, histórias de leituras.

Abrindo caminhos...

Pensar a leitura nos conduz pensar a formação de leitores e a própria leitura como espaço de formação. O "[...] ato da leitura, que supõe uma relação íntima entre um leitor e um livro" (CHARTIER, 1996, p. 90), percebido pela forma como estes leitores se apropriam daquilo que leem e conferem ao texto novos e amplos sentidos, muitas vezes não coincidentes com a intenção do autor, fazendo do livro um espaço de criação.

Neste sentido, o texto é para os leitores um espaço de possibilidades e de mobilidade; cada leitura, ainda que de um mesmo texto, traz em si o novo, o ainda não dito, mas prestes a ser descoberto. Assim, a leitura reúne elementos - autor, texto, leitor, criação, reinvenção - que a caracterizam como uma atividade em constante movimento.

Buscar essa atividade leitora, a partir da leitura, é buscar a ação que o texto exerce naqueles que o leem, e nele também exercida, se considerarmos a apropriação que o leitor faz do texto.

Esta pesquisa, em andamento, procura revelar esta ação por meio das próprias histórias de leitores, de suas trajetórias de leituras, sem desconsiderar que o próprio momento da pesquisa se faz história de leitura e espaço de formação.

Assim, pensar a formação de leitores dentro de práticas de leitura que se traduzem por suas histórias, pelas histórias de leitura dos leitores, é o objetivo principal da pesquisa, considerando que a própria pesquisa, visto que se dá em meio a leituras, se constitui em história de leitura.

Além disso, as práticas de leitura relatadas pelos leitores, a apropriação que este leitor faz do texto, recriando-o, interpretando-o a partir de seus próprios referenciais, e ainda a formação de espaços abertos à leitura, também se fazem eixos de estudo.

Os elementos apresentados neste texto constituem a etapa exploratória da pesquisa. Esta etapa foi de fundamental importância no sentido de fornecer os subsídios necessários para que aspectos relevantes pudessem ser repensados e reconduzidos de forma satisfatória possibilitando que a temática em questão possa ser convenientemente explorada.

Guias da jornada

Vygotsky e Bakhtin têm em comum a " [...] intenção de resgatar uma concepção de linguagem que leve em consideração os múltiplos sentidos que uma palavra pode alcançar, sentidos estes que estão, num certo modo, contidos propriamente entre o verbal e o extraverbal" (SOUZA, 1994, p. 136).

Pensando com Vygotsky e Bakhtin, podemos entender a pluralidade de sentidos que o leitor agrega ao texto e, além disto, aos sentidos que o leitor dá ao dito e ao que se encontra subjetivo e que emerge naquilo que podemos chamar de entrelinhas.

De certa forma, Chartier segue na mesma direção ao apontar para a gama de significados que o leitor produz no texto, ressaltando seu caráter inventivo e criador, além de procurar desvendar o quanto as práticas de leitura, enquanto expressão de práticas culturais, sustentam e norteiam estas significações produzidas.

Se falarmos da leitura enquanto formação de leitores e de espaço de formação, devemos considerar a constituição do eu, a vivência, entendida aqui como trajetória leitora, e os modos de leitura perceptíveis na linguagem que forma e integra o homem como fundamentais e, assim, compreendemos a aproximação entre Vygotsky, Bakhtin e Chartier. Além disto, temos nos estudos de Larrosa importante aporte para a compreensão da experiência dos sujeitos enquanto determinante em sua formação.

Ainda, servimo-nos de Proust como referência para a relação entre leitor e texto no que diz respeito ao envolvimento entre estes.

O percurso

Dentro de uma abordagem qualitativa, o material analisado foi coletado no Gabinete de Leitura do município de Rio Claro, em outubro de 2008, por meio de entrevistas narrativas (Jovchelovitch, Bauer - 2002) com leitores frequentadores desta biblioteca pública.

Estes leitores foram comunicados e convidados para os encontros de leitura por meio de folders distribuídos no próprio local e disponíveis também na biblioteca da UNESP - *Campus* Bela Vista. Além da entrega dos folders, onde havia data e horário

para estes encontros de leitura, houve a explicação por parte dos funcionários destas bibliotecas sobre estes encontros.

A proposta era de que acontecessem cinco encontros durante o mês de outubro/2008 - um encontro por semana por cinco semanas consecutivas. Porém, ocorreram quatro encontros para a leitura dos contos e um com as leitoras Aline e Lisa para maiores explicações sobre a finalidade destes momentos de leitura.

Assim, esta etapa exploratória da pesquisa contou com a participação de três leitoras: Joana, somente no primeiro encontro, e Aline e Lisa[1], presentes nos outros quatro encontros subsequentes.

Este espaço se constituiu como um momento de reunião entre leitores, com a finalidade de ouvir e discutir um conto literário por encontro, permitindo que as experiências vividas por eles aflorassem durante a conversa. Esta dinâmica se apóia na interação verbal, proposta por Bakhtin, pois tem a relação dialética entre as enunciações como princípio.

Os textos foram escolhidos pela pesquisadora, sendo que a escolha dos textos de Clarice Lispector foi proposta após uma conversa prévia com Aline e Lisa, quando estas folheavam livros escritos por mulheres. Nesta conversa, nosso primeiro encontro, onde expliquei detalhadamente a finalidade da pesquisa, sugeri textos de Lispector para nossos encontros e as duas logo se posicionaram de forma favorável à proposta.

Abaixo seguem os títulos dos contos lidos:

- *Uma fábula sobre a fábula*, de Regina Machado, para o encontro com Joana;
- *Felicidade Clandestina; A criada; O grande passeio*, todos de Clarice Lispector, para os encontros com Aline e Lisa.

Após a leitura de cada conto, pela pesquisadora, iniciava-se uma conversa sobre o texto lido/ouvido. Durante a conversa, as participantes relataram suas impressões sobre o texto e sobre suas experiências enquanto leitoras e formadoras de leitores.

O registro dos encontros aconteceu por meio de áudio-gravação, desde o momento da chegada das leitoras até a finalização da discussão sobre a leitura, e anotações da pesquisadora, constituindo-se assim como materiais de análise.

Contando a história[2]

Na leitura, a amizade é de repente levada à sua pureza primitiva. Com os livros, não há amabilidade. Esses amigos, se passamos a noite com eles, será porque realmente temos vontade de fazê-lo.

Marcel Proust

Uma tarde ensolarada, quente e barulhenta. O calor do sol e do asfalto parecia entrar no prédio inaugurado em novembro de 1890 e que ainda mantém, nas estantes, exemplares de obras raras e, em sua história, a visita de nomes distintos como o do imperador D. Pedro II.

O assoalho e a escada em madeira, imponentes e em contraste com as estantes bem conservadas, não revelam a identidade dos leitores que por ali passam ou já

passaram, mas levam cada um que por ali se encontra a imaginar a trajetória daquele lugar, daquele espaço, onde leitores leram, em épocas distintas, ou de lá retiraram, livros que teriam sido marcos em suas próprias histórias.

Os leitores em seus espaços de leitura. Os leitores que personificam a leitura, que transformam e se transformam por meio dela, que se apropriam do escrito, que não obedecem ao escrito ou a quem escreveu. Eis o leitor: aquele que "a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria." (CHARTIER, 1996, p.20)

E nesta tarde adentraram ao gabinete as duas irmãs, Lisa e Aline, com suas sacolas cheias de livros lidos, discutidos e trocados entre elas, ofegantes devido ao calor daquele outubro de 2008. Apressaram-se a sentar nas cadeiras que rodeavam a mesa, bem no centro do primeiro andar, ao lado de estantes de ferro completamente tomadas pelos livros.

Naquele momento iniciar-se-iam algumas leituras, desencadeadas por um texto. Na verdade, essas leituras já haviam sido iniciadas há muito tempo, se pensar que lemos a partir das referências que nos constituem, e são infinitas, pois se tornam referências para próximas leituras, ou seja: "Uma relação atenta e deferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu ser mais íntimo a letra do que leu." (CHARTIER, 1996, p. 86)

Estávamos ali, Lisa, Aline e eu. Eu, leitora, que conduziria aquela leitura comunitária do texto de Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*; Lisa e Aline, leitoras frequentadoras daquele gabinete, acostumadas à leitura particular, individual, porém disponíveis a um outro modo de ler.

As palavras de Lispector em *Felicidade Clandestina* de forma alguma podem ser substituídas, sob o risco de reduzirmos seu sentido, destituindo-o em toda sua plenitude de oferecer sensações de um universo que transcende a palavra, que interpela o leitor e o desloca de si mesmo. Porém, com o intuito de situar o leitor acerca das discussões que seguirão e como forma de compreender as falas de Lisa e Aline, teço, de forma extremamente simples, um esboço da trama que se desenrola na história lida:

Trata-se da história de duas meninas: uma delas era filha de dono de livraria, mas que não usufruía desta possibilidade para leituras, e a outra uma apaixonada pela leitura e pelos livros, porém com poucas condições de comprá-los.

Certo dia, a menina leitora descobriu que a menina filha do dono da livraria possuía o livro "Reinações de Narizinho" e dela recebeu a promessa de empréstimo do livro.

Seguiu-se longo tempo em que a menina leitora ia, todos os dias, até a casa da outra menina com a finalidade de buscar o livro prometido. Porém, a menina dona do livro, diabolicamente, sempre inventava nova desculpa para não emprestar-lhe o livro naquele momento e a mandava voltar no dia seguinte.

Até que, já desconfiada, a mãe da menina dona do livro descobre tudo o que se passava e empresta o livro à menina leitora possibilitando ainda que sua devolução não tenha data para acontecer.

Assim, a menina leitora consegue o livro emprestado com a possibilidade de lê-lo conforme sua vontade, sem a preocupação em ter que devolvê-lo logo, prolongando sua leitura.

Lisa e Aline não conheciam o texto e atentas a ele, mostraram-se inquietas, movendo-se em suas cadeiras indignadas diante da maldade da menina dona dos livros; sorriram como se tivessem diante de si a menina malvada que havia prometido emprestar o livro e vingassem a menina leitora quando esta finalmente conseguiu emprestado o livro prometido.

Terminada a leitura, as duas irmãs não hesitaram em discutir as atitudes das personagens. Retomaram o texto, como que não querendo vê-lo terminado, talvez na mesma atitude de Proust ao final de um livro vivido:

Depois a última página era lida, o livro tinha acabado. Era preciso parar a corrida desvairada dos olhos e da voz que seguia sem ruído, para apenas tomar fôlego, num suspiro profundo. Então, a fim de dar aos tumultos há muito desencadeados em mim, outros movimentos para se acalmarem, eu me levantava, punha-me a caminhar ao longo da cama, os olhos ainda fixos em algum ponto que, em vão, se buscaria em meu quarto ou fora dele, porque ele não estava situado senão numa distância de alma, dessas distâncias que não se medem por metros e léguas como as outras, e que, aliás, é impossível confundir com elas quando se olham os olhos "distantes" dos que pensam "em outra coisa". E aí? Esse livro não era senão isso? (2001, p. 22-23)

Lisa e Aline lembraram a atitude cruel da menina dona dos livros ao inventar desculpas e manter a menina leitora refém de sua própria vontade de ler:

- *Que sadismo da outra, não?* (Aline, 15/10/2008)

- *Nossa que coisa! Ela fez um joguinho, não é? E a reação da menina que recebeu o livro...* (Lisa, 15/10/2008)

E entre defender a menina leitora e exaltar sua imagem, elas deixaram à mostra seus próprios sentimentos e desejos:

- *Ela sofreu tanto para receber o livro que então tinha medo de não ser verdade. Ficou com medo de ser feliz.* (Aline, referindo-se ao momento em que finalmente a menina leitora consegue o livro, 15/10/2008)

- *Que coisa, que bonito, viu.* (Lisa, 15/10/2008)

- *Quando espera muito, quando espera muito, sem saber o que vai acontecer, quando chega, a gente mal acredita, não é? Aí, no caso, a menina, a que queria o livro era, vai ver que era, uma leitora em potencial, mas não tinha acesso, não é? E a outra, filha de dono de livraria...* (Aline, 15/10/2008)

- *A outra tinha acesso, mas não usufruía.* (Lisa, 15/10/2008)

- *Eu sempre falei isso, eu gostaria de ser dona de livraria...* (Aline, 15/10/2008)

- *É, eu também falo... Mas ela não usufruía...* (sobre a menina filha do dono da livraria) - *Ela foi persistente ali, na vontade de ler...* (sobre a menina leitora - Lisa, 15/10/2008)

- *É, de conseguir, porque ela não tinha outra maneira de conseguir...* (Aline, 15/10/2008)

- *Vai ver que no começo ela não pensou no sadismo da outra, não é, porque ela ia, mas depois ela começou pensar...* (Lisa, referindo-se às inúmeras vezes em que a menina leitora foi até a casa da menina dona do livro, 15/10/2008)

- *Ela começou a perceber, mas ela tinha já um certo conhecimento da menina da livraria, porque ela vivia sempre tirando, dando um jeito de humilhar, com cartões. Ela conhecia um pouco, mas ela não conhecia tanto, até onde ia o sadismo da outra.* (Aline, 15/10/2008)

- *Ela foi persistente na vontade de ler. Ela protelou o momento de começar a leitura.* (Lisa, se referindo ao fato de a menina, após ter conseguido emprestado o livro que queria, adiar o momento de começar a leitura, como que adiando o prazer em lê-lo, 15/10/2008)

A retomada ao texto não havia se esgotado, porém elas passaram a voltar em seus próprios tempos e rememorar situações vividas, muitas delas uma em companhia da outra, lembranças desencadeadas pela história ouvida.

Aline, capturada pela ideia de viver com o livro, sugerida em *Felicidade Clandestina*, revelou o quanto a leitura de alguns deles se faz realizar mais de uma vez, pensamento este compartilhado por Lisa:

- *Era pra conviver com o livro. Existem alguns que marcam, que a gente já leu, tem alguns que eu já li mais que duas, três vezes, e a gente gosta, já teve até coleções que eu li mais que uma vez.* (Aline, 15/10/2008)

- *Aquele eu li duas, três vezes, os sete volumes...* (Aline, 15/10/2008 - referindo-se à obra "*O tempo e o vento*", de Erico Veríssimo, exposta em uma estante bem à nossa frente)

- *Aquele "O tempo e o vento", do Érico Veríssimo, nossa!* (Lisa, 15/10/2008)

- *Eu li bastantes vezes, amei! Maravilhoso! Quando eu fazia aniversário, minhas amigas davam livros para mim, discos, eu adorava.* (Lisa, 15/10/2008)

- *Uma deu os três primeiros e depois a gente ia completando a coleção. Eu adorava! Depois teve a minissérie, mas o livro é diferente.* (Lisa, 15/10/2008)

Aos poucos, as irmãs revelavam não somente suas relações com o livro, com a história narrada, mas atitudes de leitura. Aline e Lisa compartilhavam não somente livros ganhados, comprados ou emprestados naquele gabinete, compartilhavam as leituras realizadas, desvelando uma para a outra todas as emoções suscitadas pela leitura em anos de atividade leitora.

Lembranças da infância e da aquisição dos livros almejados também emergiram:

- *Na nossa época, a gente tinha fartura, mas não era também tudo o que a gente tinha...* (Aline, 15/10/2008)

- *Mas o pai comprava os livros que pedíamos...* (Lisa, 15/10/2008)

- *Mas não era tão impossível... mas sempre comprava... Mas fora isso, tinha a biblioteca na escola também. Daí, quando entrei na quinta série, cada classe tinha a sua, com a literatura adequada para a idade, de onze anos, doze anos... E a professora de Português punha a gente como bibliotecária por semana; cada dia*

era uma aluna que era a bibliotecária, então a gente também aprendia a mexer com este outro lado. Marcar a retirada, a entrada, cobrar multa de quem demorava a trazer, a gente também tinha esse outro lado de aprendizagem. (Aline, 15/10/2008)

- É, cada classe tinha sua biblioteca. (Lisa, 15/10/2008)

- Fora a biblioteca grande. No final do dia, a gente abria a biblioteca e quem era bibliotecário no dia ficava servindo os outros. Eu adorava! (Aline, 15/10/2008)

Aline e Lisa revelaram situações onde acontecia mais que a leitura do livro. A obtenção de novos livros e o cuidado com eles na biblioteca da escola refletiu, anos mais tarde no exercício do magistério, em suas atitudes enquanto formadoras de leitores:

- E na primeira série, quando eu era professora no Colégio Cândido[3], a gente tinha um cestão, assim redondo, no fundo da sala. Quando acabava o exercício, eles podiam ir até ele folhear, pegavam o livrinho, e eu, como era leitora voraz, queria transmitir que eles também lessem. (Lisa, 15/10/2008)

- Quando eu trabalhei em sítio, não tinha (biblioteca), então eu levava os que eu tinha em casa. E contava histórias, porque não tinha biblioteca, era só a gente e as crianças. E tudo isso era extrema novidade para eles. (Aline, 15/10/2008)

As irmãs se despediram, mas já garantindo que pretendiam voltar para mais um conto, mais uma conversa, mais uma história. Lisa encerrou aquele encontro com uma frase que nos faz pensar o quanto se pode viver um texto:

- Eu me pus no lugar dela...

Pensando com esta história

Mesmo sendo este encontro parte de uma pesquisa exploratória, algumas proposições podem ser estabelecidas:

O texto permite que o leitor busque em sua própria história elementos que remetem à atribuição de sentidos para ele. No caso dos comentários sobre o texto de Lispector, esta relação direta entre texto narrado/ouvido e texto vivido (enquanto história pessoal dos sujeitos da pesquisa) tornou-se clara; de certa forma, as irmãs, em alguns trechos da história, se reconhecem na narrativa. Esta relação permite-nos pensar na questão da experiência, ou seja, naquilo que experienciamos ao longo da vida e que nos forma, nos transforma e, em consequência se faz presente em nossas ações, portanto em nossa leitura.

Assim, podemos pensar neste momento de leitura enquanto experiência, trazendo outras experiências em si. "(...) la experiencia es lo que me pasa y lo que, al pasarme, me forma o me transforma, me constituye, me hace como soy, marca mi manera de ser, configura mi persona y mi personalidad." (LARROSA, 2004, p. 28)

Considerando ainda que estes fatos vividos só puderam vir à tona por se tratarem de fatos realmente experienciados e que se tornaram possíveis de transmitir. A impossibilidade de relacionar e reelaborar o vivido não se pode dizer experiência:

La imposibilidad de elaborar las experiencias, de darles un sentido propio. Y si las experiencias no se elaboran, si no adquieren un sentido, sea el que sea, en relación

a la vida propia, no pueden llamarse , estrictamente, experiencias. Y, desde luego, no pueden transmitirse. (LARROSA, 2004, p. 29)

Outro elemento, a ação direta e intencional na formadora de leitores que os próprios leitores exercem, pode ser observado na postura das irmãs, principalmente na de Aline ao lecionar em uma escola sem acervo de livros. Posturas atuantes e, provavelmente, influenciadas por suas próprias histórias de vida e de leitoras.

Lajolo e Zilberman definem: "Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas." (2003, p. 14) É nesta afirmação que podemos nos sustentar ao pensar sobre a ação das irmãs enquanto educadoras e formadoras, porém sem desconsiderar o espaço de formação que se faz enquanto um espaço que compreende a transformação de todos os sujeitos que nele e dele se constituem, portanto um espaço que forma e transforma não somente os alunos de Lisa e Aline, mas inclusive elas próprias.

No que se refere às práticas de leitura, considerando que grande parte dos leitores do Gabinete foi convidada para participar deste espaço de leitura e que apenas três pessoas aceitaram o convite, e somente duas permaneceram em todos os encontros, entre cerca de cem que frequentam o local diariamente[4], podemos pensar na observação da leitura extensiva como um padrão predominante, característico da contemporaneidade, que de certa forma substitui a leitura em voz alta, ou seja, a leitura "de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente." (CHARTIER, 1996, p. 86)

Embora se verifique que esta prática cultural leitora da atualidade, bastante discutida por Chartier, principalmente com a questão dos livros eletrônicos, caracteriza-se pela ampliação do universo de leituras, observando-se a multiplicidade de gêneros textuais, porém que acontece de forma mais individualizada, cresce a prática da contação de histórias para crianças e adultos.

No texto "A arte de contar histórias em uma livraria"[5], apresentado durante o 15º COLE, discorro um pouco acerca desta questão, além de procurar levantar alguns elementos, como por exemplo, a presença do corpo e a voz daquele que conta a história, que justifiquem esta crescente prática leitora.

Além das proposições já estabelecidas, é fundamental entendermos que o momento da pesquisa, o encontro entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa, constituiu-se num espaço de formação e numa história de leitura.

Considerando que o próprio fato de termos sujeitos dispostos a estarem juntos para ler já pressupõe uma relação íntima entre texto e leitor, numa prática compartilhada. As considerações realizadas pelas leitoras durante o encontro relatado revelam o quanto a leitura as constituiu durante suas vidas. Assim, estes elementos nos levam a pensar "a leitura como formação, seria tentar pensar essa misteriosa atividade que é a leitura como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos." (LARROSA, 2002: 134)

Referencias bibliográficas:

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem* - 12. ed. São Paulo, Editora HUCITEC, 2006.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. R. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

JOVCHELOVITCH, S e BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, J. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: BARBOSA, R. L. L. (org.) *Trajetórias e perspectivas na formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.) *Caminhos investigativos (novos olhares na pesquisa em educação)*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

_____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Nietzsche e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LISPECTOR, C. *Os melhores contos de Clarice Lispector*. São Paulo: Global, 1998.

MACHADO, R. *O violino cigano e outros contos de mulheres sábias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PROUST, M. *Sobre a leitura*. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

SOUZA, S. J. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

VIGOTSKY, L. S. (1986). *La imaginación y el Art en la Infancia*. 6ª ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

[1] Nomes fictícios.

[2] Este texto traz um recorte da pesquisa exploratória realizada durante os encontros já citados. Assim, aqui apresento a narrativa de um encontro de leitura feito com Lisa e Aline, procurando evidenciar elementos aos quais a temática da pesquisa procura se ater e discutir.

[3] Nome fictício de uma escola particular do município de Rio Claro.

[4] Dados oferecidos pelos funcionários do Gabinete.

[5] Disponível em:
<http://www.alb.com.br/anais15/alfabetica/ZanellaMariangelaPolacchini.htm>